
O espaço público moderno na contemporaneidade

A trajetória das praças de Burle Marx em Brasília

EURAU'12

ABSTRACT. The discussion focuses in the trajectory of two of Roberto Burle Marx's plazas in Brasília, the Crystal's Plaza (1970) and the Plaza of Fountains (1978). The modernist ideals and the new conception of the landscape of the most important brazilian landscaper, trying to survive in the brazilian capital through these plazas, true heritage of the modern movement in Brazil. This study defines the peak, the decay and attempted revival of the Burle Marx's plazas as public spaces. The first, Crystal's Plaza, recently restored, is facing a lack of use of the population and second, the Plaza of Fountains, who after suffering several unsuccessful interventions is in total abandonment. Analyzing the temporalities and fragments of the recent past in these spaces, constantly revived by the memory of its citizens, this article attempts to discuss possible solutions for maintenance of the Modernist plazas in the contemporary reality.

KEYWORDS. modern movement, modernist plazas, burle marx.

Marianna Cardoso* _ Elane Peixoto _ Pedro Palazzo*****

**Universidade de Brasília. Mestranda em Arquitetura e Urbanismo. mariannagpc@gmail.com. Campus Darcy Ribeiro, 70910-900, Brasília, Brasil.
Universidade de Brasília. Doutora em Arquitetura e Urbanismo. elanerib@hotmail.com. *Universidade de Brasília. Doutor em Arquitetura e Urbanismo. pedro.palazzo@gmail.com.*

1. Introdução

Roberto Burle Marx (1909-1994) insere-se em uma época de produções paisagísticas ecléticas, na qual as tradições clássicas e o românticas dominavam os projetos paisagísticos de praças e palacetes no Brasil. Associando uma expressão artística única, o profundo conhecimento em botânica e o encanto pelas plantas autóctones brasileiras, Burle Marx entrou para história como um dos principais paisagistas do mundo. Vivendo na efervescência do movimento moderno, aderiu de modo singular aos modernos na luta pela construção e reconhecimento de uma identidade brasileira e cultura nacional. Mesmo consagrado como importante artista e paisagista, pesquisou uma vasta extensão do país em busca de novas espécies e lutou para preservação das matas brasileiras. Organizou, com recursos próprios, uma grande coleção de espécies de plantas, algumas em extinção, no seu sítio particular que deixou de herança para Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Seu talento tornou seu nome uma referência e seus pensamentos influenciam até hoje muitos "artistas da paisagem". Reconhece-se sua inegável contribuição, como intelectual e artista, engajado na formulação de um país moderno e original, ideal compartilhado por sua geração.

Seus primeiros trabalhos, mesmo inovando com a utilização de vegetação autóctone brasileira, refletem uma configuração muito presa ainda aos cânones clássicos, com a forte geometrização e simetria das formas, como se pode ver nas primeiras propostas no Recife, a Praça da Casa Forte em 1934 e a Praça Euclides da Cunha em 1935. O projeto dos jardins do Ministério da Educação e Saúde em 1938 consolida o uso de formas irregulares, também conhecidas como amebóides, que Álvarez (2007) afirma ser uma abstração orgânica baseada nas obras dos artistas Arp e Miró. Essa tendência domina os projetos do final da década de 30 e da década de 40 e é usada até as suas últimas propostas. No entanto a partir da década de 50 "se manifestam com notável constância projetos de com uma ordenação geométrica mais precisa" (MOTTA, 1983, p.86). O tratamento orgânico e o geométrico do espaço passam a conviver, e em alguns projetos dividir o mesmo espaço. Mas a partir da década de 70, os trabalhos com paginação de piso com elementos abstratos, inspirados pela obra do Calçadão da Avenida Atlântica, se intensificam e passam a ser constantes.

Os trabalhos em Brasília começaram na década de sessenta, juntamente com a construção da capital federal, em que os ideais modernistas do arquiteto Lúcio Costa materializavam-se na urbanização do Plano Piloto e os do arquiteto Oscar Niemeyer nos edifícios públicos. Com dezenas de projetos, o paisagista atuou na cidade por mais de trinta anos, com propostas para espaços e edifícios públicos, residências e embaixadas.

Em 14 de julho de 2011, o governo do Distrito Federal declarou proteção dos seus jardins localizados na Superquadra Sul 308, no Palácio do Itamaraty, no Palácio da Justiça, no Tribunal de Contas da União, no Palácio do Jaburu, no Teatro Nacional Claudio Santoro, no Banco do Brasil, na Praça dos Cristais e no Parque da Cidade, incluindo a Praça das Fontes (sendo os dois últimos objetos do presente artigo).

2. A Praça dos Cristais

A Praça dos Cristais, também conhecida com Praça do Ministério das Forças Armadas, Praça Cívica ou Praça Duque de Caxias, está situada no Setor Militar

Urbano, próximo ao Eixo Monumental em Brasília. Inaugurada em 1970, além da grande importância para cidade, foi a única obra brasileira representada na exposição internacional do conjunto das principais obras de Burle Marx no Museu de Arte Moderna de Nova York - MoMa em 1992, evento considerado como a consagração de sua carreira como um dos maiores paisagistas do mundo.

No formato de um triângulo de cento e dois mil metros quadrados, em frente ao Quartel General do Exército, a praça goza de uma monumentalidade pela sua extensão e pelo jogo visual que faz com o edifício do quartel e o monumento em frente a este, ambos projetado por Oscar Niemeyer (fig. 1 e fig. 2). Em 1971, Burle Marx também fez uma proposta para os jardins do quartel, mas não foi implantada.



Fig. 1



Fig. 2

Apesar de ser projetada para ser uma praça cívica, o isolamento do setor e a estética proposta, recriando lagos, esculturas e recantos, favorece mais um caráter contemplativo e de descanso. A estética refere-se também ao trabalho minucioso e detalhista que o paisagista empregou no projeto, mesclando formas geométricas com irregulares, tanto nas diversas paginações quanto na disposição da vegetação.

A "entrada" principal da praça é feita pela Avenida do Exército, por meio de uma implantação acima do nível do solo marcada por degraus e uma paginação em quadriculado de concreto com as juntas em seixo. Os mosaicos em pedra portuguesa entremeiam a paginação da entrada e conduzem o olhar para o lago central, onde se encontram as esculturas de concreto em formato de cristais.

Os cristais são o grande destaque da praça. A utilização de elementos verticais em jardins não é novidade, desde as esculturas retratando personagens mitológicos nos jardins clássicos até as famosas árvores de concreto de Robert Mallet-Stevens na Exposição de Artes Decorativas de Paris em 1925. O próprio Burle Marx já mostrava sua predileção por elementos que contrastassem com a horizontalidade da paisagem, como se pode ver nos diversos painéis com mosaicos em várias obras e com as formações em falésias do MAM-RJ. Mas nenhum exemplo é tão marcante quanto os cristais, que mesmo pequenos em relação ao tamanho da praça, são os personagens principais da paisagem.

Segundo Eliovson (1991) foi brilhante a decisão de colocar este grupo de "pedras" dentro das águas do grande lago que refletem o arco do céu e o movimento das nuvens, especialmente em Brasília, onde não existem montanhas para emprestar altura ou servirem de fundo aos prédios e jardins.

À direita e à esquerda da entrada, o paisagista implantou platôs elevados com altura média de cinquenta centímetros, sendo o primeiro com predominância da cor preta na paginação e o último branco, ambos com grandes hexágonos desenhados em negativo, lembrando o calçadão da Avenida Atlântica. Nestes elevados foram plantadas árvores de porte para proporcionar um estar.

O lago central é cortado por caminhos irregulares que proporcionam uma intensa experiência sensorial, pois é possível andar em meio a água e observar as belezas das visuais do lugar. Após essa área aquática foi implantado um outro platô, desta vez mais alto que os anteriores, cerca de um metro e meio acima do nível do solo, com mesma paginação ortogonal da entrada da praça e em três níveis diferentes. Devido à altura, deste local é possível observar todo o conjunto. Posteriormente, se tem uma área de recanto, que se estende até o vértice do triângulo, muito sombreada e preenchida por cascalho.

A praça foi reformada em 2007 e reinaugurada dia 15 de agosto de 2009 e após dezoito meses de obras. Antes da reforma o local encontrava-se em um grave estado de degradação, fato que não passou despercebido por William Howard Adams, curador da exposição do MoMa que afirmou que “a visão única de Burle Marx do jardim-paisagem como um ideal muito complexo para ser integralmente realizado e mantido torna-se evidente com o avanço da degradação do espaço público em toda e extensão das calçadas destruídas, evocando um sentimento de melancolia e vazio” (ADAMS, 1991, p. 35) .

No entanto as obras de reforma reverteram esta situação e devolveram vida e beleza ao lugar. Todavia é preciso mostrar as modificações que o projeto sofreu durante o processo de implantação e após as obras de reforma. Mesmo sendo poucas, algumas mudanças interferem na concepção original de Burle Marx.

As principais alterações durante a execução se deram no arredondamento dos dois vértices do triângulo localizados na Avenida do Exército e no estacionamento inserido na entrada da praça, cortando a unicidade da forma fechada que é o triângulo e comprometendo a visual da entrada e interferindo nos mosaicos do piso.

Já após as obras, a alteração mais marcante foi no lago central. Propunha-se uma grande variedade de plantas aquáticas, formando massas vegetais e variações cromáticas. Mas o que se vê hoje é apenas água com alguns tímidos canteiros, que não foram propostos, perdidos no meio aquático. Essa situação contraria até mesmo o projeto de reforma, que manteve todas as composições volumétricas propostas por Burle Marx, apenas trocou algumas espécies que não se adaptavam ao clima local. Também foram inseridos, talvez para manutenção, alguns caminhos ligando os grandes canteiros no meio do lago, em formato de peças quadradas alternadas por água, poluindo visualmente a composição.

A análise comparativa do projeto proposto e do implantado hoje nota-se que a alteração mais grave é a falta de vegetação aquática, que compromete muito a intenção do paisagista e deixa o espaço vazio e sem cor, tornando-se necessário replantar a vegetação que um dia deu vida àquelas águas tranquilas.

No entanto, apesar das falhas no projeto atual, o que mais preocupa é a preservação da praça hoje, feita de modo insustentável, centrado apenas na manutenção dos jardins. Os altos gastos com a manutenção e a falta de apropriação por parte da população aliada a pouca divulgação deste espaço compromete sua integridade futura e uma vez que os cidadãos deixam de frequentar a praça, o valor memorial perde o sentido.

3. A Praça das Fontes

A Praça das Fontes, inaugurada em 11 de outubro de 1978, é a segunda grande praça proposta por Burle Marx para Brasília e se localiza na parte sul do Parque

Sarah Kubitschek , mais conhecido como Parque da Cidade, projetado também pela equipe Burle Marx (fig. 3).



Fig3

A proposta da equipe para o parque estabelecia cinco zonas funcionais: zona administrativa, feira dos estados, zona do lago, zona cultural e zona esportiva. A zona cultural foi definida no memorial do projeto como "uma área de grande complexidade, encerrando além das construções destinadas a espetáculos culturais, uma grande praça, com restaurante, ripado, e um colar de áreas de estar e de piquenique em volta da praça" (MARX ET AL, 1978, p.36).

No memorial ainda é descrito com detalhes o projeto de Burle Marx para a Praça das Fontes, afirmando que essa praça "[...] constitui o centro do parque, seu coração. É o local de encontro de excelência. Foi concebido como uma praça de características urbanas e destinada a grandes contingentes humanos e intenso convívio. Sua forma é aproximadamente circular e sua periferia é parcialmente ocupada por conjuntos de canteiros, em nível acima da praça escalonados, constituindo sua moldura, junto com escadas d'água, repuxos, lagos. A moldura se completa através do ripado e do restaurante, concebidos em um único conjunto. Seu caráter fechado, acentuado ainda pela cortina de vegetação de porte do seu entorno imediato, faz com que sua verdadeira dimensão só se descortine do seu interior, criando surpresas aos que chegam e, evitando que se dilua no vasto entorno". (MARX ET AL, 1978, p.36).O desenho original da praça manteve-se (fig. 4), evidenciando o contraste da paginação de piso e das formas irregulares geometrizadas dos lagos e canteiros.



Fig. 4

Na época da inauguração em 1978, a praça estava em ótimo estado de conservação, em que nota-se principalmente a assentamento bem feito dos pisos

em pedra portuguesa e a grande quantidade dos aspersores de água, marcando com as fontes a verticalidade na praça extensa.

De acordo com Tanure (2007) a praça implantada apresenta correspondências em relação ao projeto original: a forma circular, as áreas de piso formando desenhos e os canteiros em desnível que fecham o espaço na parte interna. Porém a autora destaca que o conjunto ripado e restaurante, que tinham a função de "fechar" a visual da praça, não foi implantado. Para Tanure (2007) "o fechamento ficou incompleto, e o campo de visão encontra-se aberto justamente na entrada da praça, enquanto que do lado oposto à entrada, que leva aos outros equipamentos do Parque, os patamares fecham o espaço tornando a forma incompreensivelmente desintegrada do seu entorno. Essa impressão de desintegração é reforçada pela ausência dos percursos" (TANURE, 2007, p.153).

As falhas apontadas na execução foram questionadas pelo paisagista, que escreveu uma nota manifestando sua insatisfação com o projeto implantado. No mesmo ano da inauguração para o Jornal de Brasília escreveu:

"Venho a público manifestar minha decepção com o que aconteceu com meus últimos projetos para Brasília. Sob o governo de Elmo Serejo Farias, sendo secretário de obras o Dr. José Reinaldo Tavares, meu projeto para o Parque Recreativo Rogério Pithon Farias foi totalmente deturpado pela inépcia dos que o executaram. Os prazos políticos para a inauguração, a falta de fiscalização adequada e a impossibilidade de acompanhar o ritmo vertiginoso e irreal da execução criaram um monstro cheio de falhas incompreensões, e interpretações equivocadas. [...] Importante acentuar que jamais me foi solicitada uma visita de fiscalização, apesar de elas estarem previstas em meu contrato" (MARX, Jornal de Brasília, 07 de abril de 1978, p.22 apud Tanure, 2007).

Além das incoerências citadas por Burle Marx, outro fato que prejudicou o projeto proposto foi a incompatibilidade das espécies vegetais especificadas com as que foram plantadas. Lima (1998) ressalta que surgiram dificuldades para a obtenção de plantas que não constavam no horto do Departamento de Parques e Jardins local. "Muitas delas, entretanto puderam ser localizadas na região, em excursões de coleta. Outras foram substituídas por espécies de maior adaptação ao clima e solo presente na área" (LIMA, 1998, p.14).

Lima (1998) afirma que a praça contém predominantemente uma vegetação de pequeno porte com arbustos e ervas floríferas. No levantamento realizado pelo autor em 1998, a praça encontrava-se em um razoável estado de conservação, a paginação de piso possuía falhas, mas os canteiros apresentavam uma grande variedade de espécies, além das fontes estarem funcionando.

O último projeto de reforma, visando restaurar a praça, foi elaborado pela Administração de Brasília em 2008, pela coordenação da arquiteta Marcela Zago. A proposta estabelece canteiros que devem ser mantidos, canteiros que devem ser recuperados e canteiros que devem ser implantados. Também propõe que as árvores de porte já implantadas não sejam retiradas.

O projeto de 2008 propõe algumas rampas para facilitar a acessibilidade à praça e entra em consonância com a especificação das espécies originais. Das cinquenta e cinco espécies especificadas por Burle Marx, o projeto de revitalização manteve quarenta e seis, e acrescentou mais dezesseis. Nesse sentido, o projeto é fiel ao máximo à proposta de Burle Marx, o que o caracteriza como uma proposição coerente com o que é recomendado pelos órgãos de proteção ao patrimônio. Todavia a proposta se revela como muito vaga, pois se limita a especificação de vegetação e recomendações de acessibilidade. Não há uma problematização teórica a respeito da preservação do jardim, apenas diretrizes muito simples de projeto.

Mesmo não oferecendo o que foi proposto por Burle Marx, a praça era local de várias manifestações culturais. Atualmente, a praça encontra-se totalmente degradada. O piso encontra-se em péssimo estado de conservação e os limites do traçado das paginações misturam-se devido ao mau emprego das pedras que não respeitam a composição original. A falta de manutenção torna-se evidente nos canteiros, onde antes havia variações de volumes e cores, agora predomina o mato alto. Os espelhos de água se encontram preenchidos nas épocas chuvosas e os bancos sofrem com a depredação. As fontes que dão nome à praça não funcionam, realçando mais o estado de abandono (fig. 5).



Fig. 5

Os eventos culturais são raros e o coração do parque, que era para ser o centro das atividades, está no mais completo abandono. Algumas reformas e pequenas ações de recuperação foram feitas ao longo dos seus mais de trinta anos de existência. Mas a falta de recursos para uma manutenção continuada e o descaso da administração local somado com o desinteresse da população resulta em um processo de degradação constante, destinando a praça ao esquecimento.

4. Preservação das praças modernistas na contemporaneidade: por um patrimônio sustentável

A prática preservacionista é muito mais que um processo de intervenção baseado exclusivamente na proteção do bem cultural ou natural. É acima de tudo preservar as tradições e memórias para as futuras gerações garantindo um desenvolvimento sustentável entendido de forma sistêmica, ou seja, que considera o equilíbrio entre cultura, sociedade, meio-ambiente e economia. Nesse sentido tem-se uma associação efetiva entre a questão da prática preservacionista e da sustentabilidade.

É preciso integrar a preservação patrimonial aos investimentos econômicos, mas sem transformar o patrimônio em uma forma alienada de comércio, uma vez que os valores culturais locais estão sempre em primeiro plano. Nesse sentido, Gražulevičiūtė (2006) afirma que o patrimônio cultural pode contribuir para o bem-estar e qualidade de vida das comunidades, pode ajudar a mitigar os impactos da globalização e pode tornar-se um incentivo para o desenvolvimento sustentável.

A preservação do patrimônio histórico e cultural e que todas as suas dimensões materiais e imateriais estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento econômico sustentável de um lugar. As dificuldades de conservação são inerentes às paisagens, de uma maneira geral e, especificamente aos jardins, pois por possuírem um sistema vivo de ornamentação, as plantas, as modificações são mais constantes que em uma edificação.

Assim propõe-se um gerenciamento sustentável do patrimônio estabelecendo usos diferenciados para as praças. Atividades gastronômicas, eventos culturais e comerciais que gerem um fluxo de pessoas são exemplos que garantam uma boa relação de custo-benefício na manutenção do patrimônio.

A divulgação da importância dessas praças para a população da cidade por meio da educação patrimonial, estimulando o consciente coletivo da comunidade a preservá-las é outra diretriz importante que tem como consequência direta a transformar esses lugares em pontos turísticos, reforçando o caráter representativo-cultural das obras e movimentando a economia. Por fim, a implantação de projetos de ação comunitária, como venda de artesanato e produtos locais promovem a integração de entidades sociais e auxiliam na renda de muitas famílias.

Por isso, apenas as ações de manutenção dos canteiros e da vegetação são insuficientes. É preciso um gerenciamento sustentável das praças, gerando renda e atraindo pessoas, garantindo assim um manejo aliado à sustentabilidade, uma vez que a Praça dos Cristais e a Praça das Fontes, dentre as demais obras de Burle Marx em Brasília, se sobressaem. A grande escala de intervenção de ambas entra em sintonia com a monumentalidade da cidade e se caracterizam como marcos do paisagismo moderno no mundo.

5. Legendas

Fig. 1: Vista aérea. Fonte: PMB, 2011

Fig. 2: Os cristais e o quartel ao fundo. Fonte: Autores, 2011

Fig3: Proposta para o Parque da Cidade, em destaque a Praça das Fontes. Fonte: Tanure, 2007

Fig 4: Croqui da perspectiva da praça. Fonte: Tanure, 2007

Fig. 5: Fontes desativadas e abandono. Fonte: Autores, 2011

6. Bibliografia

ADAMS, William Howard. *Roberto Burle Marx the Unnatural Art of the Garden*. Museum of Modern Art New York, 1991.

ÁLVAREZ, Darío. *El jardín en la arquitectura del siglo XX: naturaleza artificial en la cultura moderna*, Barcelona: Reverté, cop. 2007.

ELIOVSON, Sima. *Jardins de Burle Marx*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991. Ed. Salamandra

GRAŽULEVIČIŪTĒ, Indrē. *Cultural Heritage in the Context of Sustainable Development*. In: ENVIRONMENTAL research, engineering and management Scientific Journal, nº 3, 2006. Disponível em: www1.apini.lt/includes/getfile.php?id=106 (Acesso 03/03/2011)

LIMA, Danilo Cruz de. *Projeto de Recuperação da Praça das Fontes*. Trabalho Final de Graduação, Faculdade de Agronomia e Veterinária da Universidade de Brasília, 1998.

MARX, Roberto Burle. Parque Recreativo de Brasília. Cadernos Brasileiros de Arquitetura. São Paulo. Projeto Editores Associados, volume 5, p. 30-38, 1978.

MOTTA, Flávio L. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo: Nobel, 1984.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Macedo. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp/Imesp, 2002.

TABACOW, José (Org.). *Roberto Burle Marx – Arte & Paisagem: conferências escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

TANURE, Joana Dias. *O projeto de paisagismo de Burle Marx e equipe para o "Parque da Cidade" em Brasília*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.